



# A hermenêutica da suspeita em Paul Ricoeur: principais pistas ontológicas à Campanha da Fraternidade 2023

The hermeneutics of suspicion in Paul Ricoeur:  
main ontological clues to the Fraternity  
Campaign 2023

*Nelson Maria Brechó da Silva\**

FAJOPA

Recebido em: 09/10/2022. Aceito em: 08/11/2022.

**Resumo:** *O presente artigo trata, num primeiro momento, sobre a hermenêutica da suspeita em Paul Ricoeur. Ele realça o papel da interpretação como realização do sujeito diante do texto, de modo a evidenciar o aspecto ontológico e o poder transformador da palavra interpretada. Para tanto, analisa-se o segundo tomo do Tempo e narração, especialmente o tópico A configuração do tempo na narrativa de ficção, a fim de examinar a categoria mundo e os seus desdobramentos: mundo do autor, mundo da obra e mundo do leitor. Assim, nota-se a passagem que o sujeito faz de uma hermenêutica da suspeita à confiança, por intermédio da formação ontológica da pessoa. Num segundo momento, situa-se a Campanha da Fraternidade 2023, especialmente os temas do direito e da justiça vinculados à análise do contexto da fome. É fundamental unir a busca do bem comum, que é próprio da política, com a vivência da caridade, que é a expressão humana da fé, enquanto revela o sentido paciente e prestativo. A experiência pandêmica revela a vulnerabilidade das pessoas e a indiferença social da parte dos mais ricos com os mais pobres, de modo a causar a deterioração.*

\* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP, 2022). Doutor em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP, 2017). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP, 2013). Mestre em Filosofia (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2010). Graduado em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte, MG, 2006). Graduado em Filosofia (Centro Universitário Sagrado Coração, UNISAGRADO, 2003). Professor na Faculdade João Paulo II, FAJOPA.

E-mail: nelsonbrecho@yahoo.com.br.

**Dossiê**





*ração da dignidade humana. Com isso, apontam-se algumas pistas ontológicas ricoeurianas no tocante ao diálogo, à interpretação e à aplicação da palavra, por meio de atitudes humanizadoras.*

**Palavras-chave:** *Direito. Justiça. Fome.*

**Abstract:** *This article deals, at first, with the hermeneutics of suspicion in Paul Ricoeur. He emphasizes the role of interpretation as the subject's realization in front of the text, in order to highlight the ontological aspect and the transforming power of the interpreted word. In order to do so, the second volume of Time and narration is analyzed, especially the topic The configuration of time in fiction narrative, in order to examine the world category and its consequences: the author's world, the work's world and the reader's world. Thus, the passage that the subject makes from a hermeneutics of suspicion to trust, through the ontological formation of the person, is noted. In a second moment, there is the Fraternity Campaign 2023, especially the themes of law and justice linked to the analysis of the context of hunger. It is essential to unite the search for the common good, which is characteristic of politics, with the experience of charity, which is the human expression of faith, while revealing the patient and helpful sense. The pandemic experience reveals people's vulnerability and social indifference on the part of the richest towards the poorest, so as to cause the deterioration of human dignity. With this, some Ricoeurian ontological clues are pointed out regarding dialogue, interpretation and application of the word, through humanizing attitudes.*

**Keywords:** *Right. Justice. Hungry.*

## Introdução

O mundo atual carece de reflexão mais atenta à pluralidade de informações presente na esfera pública. Por um lado, o conhecimento da hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur pode auxiliar tanto no campo da hermenêutica filosófica, quanto da teológica. Por essa razão, analisam-se algumas partes do segundo tomo do *Tempo e narração*, cujo título *A configuração do tempo na narrativa de ficção*, assim como a contribuição de alguns intérpretes do filósofo na ligação entre filosofia, teologia e literatura pelo viés antropológico.

O estudo ricoeuriano possibilita verificar a passagem da suspeita à confiança, ou seja, do pensar à realização. Tal ideia permite lançar luzes à aplicação da Campanha da Fraternidade (CF) 2023 a respeito da fome. É fundamental despertar na pessoa a capacidade de interpretar o mundo e, a partir dele, construir a sua história. Com isso, torna-se urgente refletir hermenêuticamente sobre a fome, visto que a desigualdade aumentou muito durante o cenário pandêmico.



Por outro, a CF desenvolve-se, por intermédio do olhar atento aos desafios no mundo, a saber, ver, julgar e agir. O conceito de direito e de justiça correspondem aos componentes essenciais da vacina do amor. Para tanto, busca-se a compreensão bíblica de Is 1,27 a respeito deles no âmbito profético. Com efeito, destaca-se o significado deles a partir da noção do profeta como portador da voz do Senhor para denunciar a injustiça e anunciar com vivacidade a justiça.

Ora, o tema da CF 2023 é *Fraternidade e fome*, que trata, particularmente da aplicação do direito e da justiça no combate à fome. O resultado a ser obtido com este estudo consiste na superação da pandemia do egoísmo e de uma sociedade marcada pela deterioração da ética e a predominância da autossuficiência. Assim, a vacina do amor vinculada à vacina do Coronavírus proporcionará a cura das feridas presentes no mundo hodierno e, sobretudo, no combate à fome, mediante a união entre o bem comum e a caridade, que sugere a expressão máxima da fé.

## 1 A hermenêutica da suspeita em Paul Ricoeur

A leitura acompanhada pela hermenêutica implica a abertura de horizontes, de modo a redescobrir o valor do humano. O leitor, por intermédio da suspeita, mergulha no mundo da obra e do autor com o desejo de ganhar maior confiança em si mesmo e nos outros, pois a suspeita compreende a curiosidade e o espanto diante do mundo.

Em Ricoeur, faz-se salutar a apresentação da categoria “mundo”. Ela se apresenta com três desdobramentos: mundo do autor, mundo da obra e mundo do leitor. O mundo do autor demarca os seus valores, a sua cultura e a sua maneira de ver o mundo. No mundo da obra, percebem-se as personagens e a forma do escritor escrevê-la.

Vale dizer que o leitor traça a sua participação, numa hermenêutica da suspeita, porque deseja conhecer o mundo da obra e do autor. Ele atua no processo de interpretar, no intuito de re-escrever o texto. Nota-se uma passagem da desconfiança, caracterizada pelo conceito “hermenêutica da suspeita” à confiança.

O leitor possui um papel ativo de distribuição de significado. Não se entende apenas o texto e sim entender-se a partir do texto. Compreender-se no mundo com as questões presentes na vida. Não atualiza a mensagem textual, mas realiza-a, pois ler significa interpretar, a fim de participar na linguagem escrita. Esta concede o acesso ao ato de pensar



e dialogar para sair da noção sombria de suspeita para a aurora da confiança e assim sucessivamente.

Ao ler, surge a oportunidade de re-escrever o texto. É importante salientar que escrever denota uma forma de ação para transformar o mundo das pessoas no sentido de humanizá-las. De acordo com Ricoeur, a narrativa de ficção compreende “o conto popular, epopeia, tragédia, comédia e romance”<sup>1</sup>.

Segundo Gentil, o homem na visão de Paul Ricoeur é um ser de mediações promovidas pela linguagem: “Toda experiência do mundo é, [para Paul Ricoeur], mediada pela linguagem, só acessível através dela – daí inclusive sua preferência pela chamada ‘via longa’ da hermenêutica em detrimento da ‘via curta’ heideggeriana”<sup>2</sup>.

O pensamento ricoeuriano amplia a noção de intriga e do enredo. A questão do tempo aparece marginalmente, por meio dos conceitos de inovação, de estabilidade e de declínio. Ele trata, inclusive, do *mythos* aristotélico no ensejo de metamorfosear sem perder a identidade.

Ricoeur aprofunda a noção de intriga e do seu tecer à luz da narratologia hodierna e pela semiótica. Por isso, leva em conta o pensamento de Agostinho para enriquecer a noção de intriga, de enredo e de tempo narrativo<sup>3</sup>. Ricoeur explicita o tempo histórico e o tempo de ficção, de sorte que desenvolve a fenomenologia da consciência temporal, que, por sua vez, é mais abrangente do que a de Agostinho.

Ademais, Ricoeur acentua a problematização do tempo: enunciação narrativa – desdobrar – tempo de contar e tempo das coisas contadas. O tempo de contar se difere do enunciado das coisas contadas. Ele abre ao que está além delas (enunciação e enunciado) a noção do tecer da intriga e a de tempo que lhe é apropriada – movimento de transcendência – mundo da obra. O mundo do texto sugere, desse modo, a experiência fictícia do tempo<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995. t. II. p. 9.

<sup>2</sup> Entre colchetes nosso. GENTIL, H. S. *Para uma poética da modernidade: uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 139.

<sup>3</sup> RICOEUR, 1995.

<sup>4</sup> RICOEUR, 1995.



Por conseguinte, Ricoeur trata acerca dos *jogos com o tempo*. Ele reflete sobre os acontecimentos narrados: “Capacidade de se distanciar de sua própria produção e por aí se desdobrar”<sup>5</sup>. O distanciamento e o desdobramento ressaltam a visão de uma hermenêutica da suspeita em busca de sua realização.

Em relação aos *tempos do verbo e a enunciação*, Ricoeur comenta acerca do “desdobramento entre enunciação e enunciado”<sup>6</sup>. Ele cita Harald Weinrich. Este trata do mundo contado e focaliza três dimensões: situação de locução; perspectiva de locução; elevação de certos contornos<sup>7</sup>.

Quanto ao *tempo do contar (Erzählzeit)* e *tempo contado (erzählte Zeit)*, Ricoeur utiliza expressões de Günter Müller e retomadas por Gérard Genette “– tempo da vida – busca na distribuição entre enunciação e enunciado uma nova chave de interpretação do tempo na ficção”<sup>8</sup>.

Para Gérard Genette, tempo de enunciação e tempo do enunciado mantém-se dentro do texto. Ricoeur explora mais Genette e acrescenta “mundo do texto”. Logo, enunciação, enunciado, mundo do texto. A saber, tempo de contar, tempo contado e experiência fictícia. Haja vista contar como presentificar, expressão de Müller (*Vergegenwärtigen*). O jogo põe em jogo o vivido temporal (*Zeiterlebntis*) visado pela narrativa. É imprescindível ter em vista “o tempo de contar e o tempo contado”<sup>9</sup>.

Gentil reforça a função do leitor como construtor na obra: “Ricoeur considera elementos que constroem um mundo, o mundo projetado pela obra, mundo que pode ser habitado pelo leitor. E é justamente através dessa ‘habitação’ que o leitor pode conhecer dimensões da realidade que não teria acesso de outro modo”<sup>10</sup>.

As narrativas ficcionais provêm das experiências temporais, de acordo com Gentil: “O que interessa fundamentalmente a Ricoeur no mundo das narrativas ficcionais são essas experiências do tempo tra-

<sup>5</sup> RICOEUR, 1995, p. 109.

<sup>6</sup> RICOEUR, 1995, p. 110.

<sup>7</sup> Em relação ao aprofundamento nas três dimensões, confira: RICOEUR, 1995, p. 118-124.

<sup>8</sup> RICOEUR, 1995, p. 131.

<sup>9</sup> RICOEUR, 1995, p. 137.

<sup>10</sup> GENTIL, 2004, p. 140-141.



zidas à linguagem, as variações imaginativas sobre o tempo por elas produzidas”<sup>11</sup>.

No item *Enunciação – enunciado – objeto no “discurso da narrativa”*, Ricoeur considera o pensamento de Müller como “tempo de contar: cronológico (de leitura, mais do que escrita); tempo narrado (contado em anos, meses ou dias na própria obra); tempo da vida” (compreensão de um tempo economizado)<sup>12</sup>.

Ricoeur sublinha o caráter estratificado do texto artístico. Assim, a voz se define na transição entre configuração e refiguração. A leitura corresponde à intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor<sup>13</sup>. Voz narrativa: palavra muda, porém apresenta o mundo do texto ao leitor. Käte Hamburger utiliza o termo geral *Dichtung*, que Ricoeur traduz por “literatura”.

Existem três grandes gêneros: épico (domínio narrativo), dramático e lírico. Käte aborda os tempos verbais no estilo indireto livre (*erlebte Rede*) nos quais as palavras de um personagem são relacionadas à terceira pessoa e ao tempo passado. As palavras pertencem ao presente fictício. A figura do narrador se compreende como sujeito de discurso na ficção na visão ricoueriana.

Ricoeur articula uma experiência do tempo, que seria “a meta dos jogos com o tempo”<sup>14</sup>. Elaborar, ainda os conceitos de configuração narrativa, mundo do texto e imaginário, cuja experiência se situa fictícia. O mundo da vida do leitor compreende a refiguração. O mundo da obra – transcendência imanente ao texto – intersecção entre a experiência fictícia e a experiência viva do leitor.

Gentil frisa a relação entre a linguagem e o mundo da vida: “A linguagem manifesta a realidade do ‘mundo da vida’, mundo da experiência humana da vida, que escapa ao discurso descritivo direto, que se torna, do ponto de vista desse discurso, sem significado”<sup>15</sup>. A linguagem abarca a mediação e a constituição do sujeito:

*A linguagem é, por um lado, elemento constitutivo deste ser; o humano, e portanto de sua experiência do mundo mas é também, ao mesmo tempo,*

<sup>11</sup> GENTIL, 2004, p. 143.

<sup>12</sup> RICOEUR, 1995.

<sup>13</sup> RICOEUR, 1995.

<sup>14</sup> RICOEUR, 1995, p. 181.

<sup>15</sup> GENTIL, 2004, p. 192.



*a mediação insubstituível pela qual temos acesso ao ser. E o que a linguagem sob a forma de obra literária ou discurso poético nos permite é o acesso a uma dimensão da realidade não acessível pelo discurso direto, a dimensão do mundo da vida, o plano mais fundamental de nossas relações e de nosso ser [...] a verdade do discurso passa pelo sujeito, por sua construção linguística, por seu prévio pertencimento ao mundo da vida e à sua configuração na ação e por isso só se produz ao modo de refiguração<sup>16</sup>.*

O leitor faz parte da própria obra, pois esta só se realiza no ato de leitura: “O que se pede do leitor não é uma atualização, mas uma realização”<sup>17</sup>. O texto projeta e o leitor o apropria por meio da leitura: “O mundo da ação do leitor é refigurado pelo confronto com a alteridade que é o mundo do texto configurado na obra”<sup>18</sup>.

O ato da leitura possibilita a refiguração, conforme indica Gentil: “Do encontro com o mundo do texto, o mundo do leitor sai refeito, redenhado, ‘refigurado’. As obras com que entramos em contato refazem a nossa maneira de ver o mundo e a nós mesmos, refazem os nossos horizontes”<sup>19</sup>. Por essa razão, pode-se dizer de uma hermenêutica da suspeita, pois o leitor precisa entrar em contato com o mundo do texto, antes de criar a sua leitura prévia.

No tópico *Entre o tempo mortal e o tempo monumental*, Ricoeur explicita a fábula Mrs. Dalloway enquanto fluxo de consciência: “A arte de ficção consiste em tecer juntos o mundo da ação e o da introspecção”<sup>20</sup>. O ato de refigurar “na leitura o próprio tempo”<sup>21</sup>. A experiência narrativa desta fábula se revela como tempo monumental mais complexo do que o tempo cronológico. Descreve o tempo dos relógios e tempo das figuras de autoridade, tais como Clarissa, Peta e Septimus.

No ponto *A montanha mágica*, Ricoeur descreve os pensionistas de Berghof – sanatório de Davos desta fábula. Contraste entre os de cima e os de baixo do sanatório. A oposição espacial “redobra e reforça a oposição temporal”<sup>22</sup>. Hans Castorp vai visitar seu primo Joachim e a

<sup>16</sup> GENTIL, 2004, p. 219-220.

<sup>17</sup> GENTIL, 2004, p. 226.

<sup>18</sup> GENTIL, 2004, p. 226.

<sup>19</sup> GENTIL, 2004, p. 233.

<sup>20</sup> RICOEUR, 1995, p. 187.

<sup>21</sup> RICOEUR, 1995, p. 188.

<sup>22</sup> RICOEUR, 1995, p. 200.



fábula se dá num espaço cronológico de 7 anos: 7 capítulos. No entanto, os capítulos possuem desproporcionalidades em relação ao tamanho. Eles não têm uniformidade devido ao debate interior do herói com a perda do sentido do tempo.

No item *Em busca do tempo perdido: o tempo travessado*, Ricoeur mostra esta fábula e a analisa como experiência fictícia, revestida pelo mundo fictício, envolvida pelo herói narrador na tríade dimensão temporal: tempo perdido, redescoberto e a passagem do redescoberto ao perdido<sup>23</sup>.

No tópico *Conclusões*, Ricoeur desenvolve o mundo do texto e o mundo da vida do leitor para que ocorra a significação da obra literária pela linguagem. A narrativa histórica e a narrativa de ficção “precisam se entrecruzar para ocorrer a refiguração”<sup>24</sup>.

Segundo Gentil, na conclusão de seu livro, afirma: “[...] o trabalho de Ricoeur nos ajuda a compreender de que forma a literatura ‘pensa’, ao menos em sua forma narrativa, evidenciada por ele como uma forma de inteligibilidade assentada numa tradição” (2006, p. 253). O distanciamento devido à suspeita ocorre à medida que se tenha participação no texto. Assim, acontece uma hermenêutica da realização. O sujeito participa do texto a ser lido e dialogado.

Conforme Nalli, Ricoeur almeja uma ontologia da compreensão, juntamente com a análise semântica e a forma reflexiva:

*quando Ricoeur critica Heidegger considerando sua abordagem ontológica da compreensão como via curta – que ele não pretende seguir –, não quer dizer que ele a descarte por completo. Apenas julga que ela é demasiadamente apressada em culminar numa ontologia, direta, sem a necessidade de alguma forma de mediação [...] Ricoeur visa uma ontologia da compreensão enquanto esta requer uma semântica e uma forma reflexiva<sup>25</sup>.*

A obra se realiza no ato de leitura, em que o leitor faz a experiência viva do texto. A refiguração permite o jogo entre a escrita e o processo

<sup>23</sup> RICOEUR, 1995.

<sup>24</sup> RICOEUR, 1995, p. 286.

<sup>25</sup> NALLI, M. Paul Ricoeur leitor de Husserl. *Trans Form Ação*, v. 29, n. 2, p. 13, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732006000200012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732006000200012&script=sci_arttext). Acesso em: 28 set. 2022.



dinâmico de sua interpretação. Dessa maneira, a hermenêutica ontológica ricoeuriana requer a mediação, pois o leitor participa e mergulha na escrita, a fim de descobrir a riqueza de cada um dos símbolos que compõe o enredo da história narrada.

Nesse sentido, a hermenêutica da suspeita consiste no ato do leitor ser curioso diante da obra, a fim de realizar o processo hermenêutico em torno da reflexão e da linguagem simbólica. É importante destacar que a partir do pressuposto da suspeita se chega à confiança de saborear a riqueza dos símbolos, que possibilitam a compreensão dos valores antropológicos fundamentais, tais como o diálogo e a aplicação da palavra. A hermenêutica ontológica concede a oportunidade de fazer pensar em face do símbolo.

## 2 A Campanha da Fraternidade de 2023 e as pistas ontológicas ricoeurianas

Na Bíblia hebraica o conceito de *justiça* dizia-se essencialmente com os substantivos *mišpāṭ*, *šedeq* e *šedāqāh*. *Mišpāṭ*<sup>26</sup> significa “juízo”, “sentença judicial”, “lei” enquanto “direito” objetivo, “veredito”, “decreto”, “ordem”. Os substantivos *šedeq* e *šedāqāh*<sup>27</sup> têm a mesma raiz. Parecendo sinônimos, poderiam considerar-se distintos entre si: *šedeq* refere-se à “justiça” enquanto ordem criada, num todo bem integrado e harmonioso nos seus vários componentes, ordenador das justas relações entre os homens; *šedāqāh* diz “justiça, retidão” enquanto comportamento justo e reto conforme a essa ordem, enquanto “ação salvadora”. Vale mencionar que *šedeq* e *šedāqāh* têm substancialmente o mesmo sentido: tanto um como o outro poderiam significar “ordem, retidão, justiça, comportamento justo, ação salvadora”.

As três palavras *mišpāṭ*, *šedeq* e *šedāqāh* aparecem frequentemente em contexto de justiça salvadora, que inclui uma ação de amor gratuito e de misericórdia benfeitora. É importante notar que as três palavras aparecem frequentemente em paralelo com conceitos associados à aliança

<sup>26</sup> KIRST, N. [et al.]. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2004. p. 146.

<sup>27</sup> KIRST, 2004, p. 203.



de Deus com Israel, como *hesed*<sup>28</sup> (“bondade, misericórdia, amor”) e *'emet*<sup>29</sup> (“verdade, fidelidade”).

Segundo Vaz,

*Os políticos do nosso tempo beijam quase diariamente a palavra “justiça”. Como se a amassem!... Só a ama quem dá o peito às injustiças que se cevam nas relações sociais. Exigir justiça lutando contra a injustiça, com palavras e atitudes proféticas, libertadoras é estar convencido de que só o amor ao ser humano é construtivo e forte. Nessa luta bíblica também entra a oração dos salmistas. O orante que pede justiça divina não luta contra a própria desgraça mas contra o mal feito a seres humanos. A forma de viver segundo a justiça [šedāqāh] e a bondade [hesed], convida a contribuir para a construção de uma ordem planetária [šedeq], fundada na fidelidade aos valores da justiça<sup>30</sup>.*

A justiça, a bondade e a ordem permitem a humanização da pessoa. Com isso, a razão iluminada pela fé pode fazer com que a pessoa saiba dos seus limites: direitos e deveres em vista de sua realização com Deus, com o mundo e consigo mesmo. Nesse sentido, torna-se fundamental a prática do exame de consciência para que a pessoa possa verificar se as suas atitudes vêm ao encontro daquilo que ela escuta e fala a respeito da fé. Tal atitude se reveste de uma fé purificadora e libertadora dos mecanismos do egoísmo: autossuficiência, orgulho, jogo de interesse, fofoca e entre outros.

É preciso praticar o direito e a justiça [*mišpāṭ wšedāqāh*] na luta contra a fome. Este ponto se vincula com a CF de 2019, particularmente com o lema: “*serás libertado pelo direito e pela justiça*” (Is 1,27)<sup>31</sup>. As **Políticas Públicas** podem ser garantidoras de direitos.

Além disso, é imprescindível olhar, principalmente a realidade das pessoas que mais sofrem as consequências de um sistema que impede a vida com dignidade. Elas enfrentam problemas dos direitos básicos, tais como: saneamento, habitação, alimento, saúde, emprego e educação. Desse modo, a CF de 2019 se une com a de 2023 com o intuito

<sup>28</sup> KIRST, 2004, p. 73.

<sup>29</sup> KIRST, 2004, p. 14.

<sup>30</sup> VAZ, A. S. O específico da justiça na Bíblia hebraica. *Cultura*, v. 30, p. 9, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cultura/1563>. Acesso em: 28 set. 2022.

<sup>31</sup> Esta e as demais citações bíblicas no decorrer do artigo são provenientes da: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.



de esclarecer os desafios políticos a serem enfrentados na superação da fome, que tanto gera a desigualdade entre as pessoas, dado que elas sofrem com a perda da dignidade de comer.

Desde 1964, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe um tema relevante para a sociedade brasileira refletir e engajar-se durante a CF. O método ver, julgar e agir conduz a uma prática transformadora diante das situações de injustiça e de agressão à vida. Ao ter em vista este esquema triádico, a pessoa exerce a sua cidadania politicamente, assim como o testemunho de sua fé, através de gestos caridosos, que proporcionam a justiça e o direito.

**O âmbito do ver** implica o estudo da realidade. Especial atenção é dada, neste olhar, às pessoas e famílias mais necessitadas e excluídas da sociedade. Para escolher as **Políticas Públicas** a serem implementadas, as administrações precisam fazer escolhas, preferencialmente com a participação popular, de maneira a definir os problemas mais urgentes e que afetam a qualidade de vida da população.

**Na dimensão do julgar**, há a análise e o julgamento a partir de alguns referenciais, especialmente da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, de maneira a servir como luz que ilumina as ações. Outros instrumentos, como a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, a **Carta da Terra**, a **Constituição Cidadã**, também são importantes para que os cristãos possam enxergar a sociedade como um todo e não apenas os que participam da vida eclesial.

**No aspecto do agir** envolve as considerações sobre as perspectivas pedagógicas e comportamentais que se abrem, com vistas a uma ação social transformadora. No caso das **Políticas Públicas**, significa propor às administrações públicas, políticas que busquem transformar as situações mais evidentes de injustiça e que causam sofrimento às pessoas, famílias e comunidades do município, estado ou país.

Segundo a CNBB, a CF 2023 envolve o tema “**Fraternidade e fome**”, e o lema “**Dai-lhes vós mesmos de comer**” (Mt 14,16). O assunto da fome é pela terceira vez tratado pela Igreja no Brasil, na CF<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> A respeito do tema da CF, ver: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Após consulta popular, Campanha da Fraternidade em 2023 voltará a tratar do tema da fome*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/apos-consulta-popular-campanha-da-fraternidade-em-2023-voltara-a-tratar-do-tema-da-fome/>. Acesso em: 28 set. 2020.



Isso denota a preocupação acerca do tema, uma vez que a desigualdade aumentou durante o cenário da pandemia.

A primeira vez em que se refletiu sobre a fome foi em 1975, com o tema “Fraternidade é repartir” e o lema “Repartir o pão”, no clima do Ano Eucarístico que precedeu o Congresso Eucarístico Nacional de Manaus, que trazia o mesmo tema e lema e desejava intensificar a vivência da Eucaristia no povo. A segunda, por sua vez, foi em 1985, outro Ano Eucarístico, desta vez em preparação ao Congresso Eucarístico de Aparecida, cujo lema “Pão para quem tem fome”.

Agora, em 2023, logo em seguida ao 18º Congresso Eucarístico Nacional, que se desenvolverá em Recife, de 11 a 15 de novembro de 2022, sob o tema “Pão em todas as mesas”, a Igreja no Brasil enfrenta pela terceira vez o flagelo da fome. Disso decorre o lema que é uma ordem de Jesus aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). A fome é um instinto natural de sobrevivência presente em todos os seres vivos. Contudo, na sociedade humana, a fome é uma tragédia, um escândalo, é a negação da própria existência.

O cartaz escolhido foi produzido por Luiz Lopes Jr., de Brasília (DF)<sup>33</sup>. Pode-se descrevê-lo da seguinte forma: vê-se, no cartaz, o mapa do Brasil, país considerado o celeiro do mundo, mas que carrega uma grande contradição: a fome é real e atinge, atualmente aproximadamente 33,1 milhões de brasileiros. Em destaque, contemplam-se as mãos que repartem e dão vida à solidariedade guiada pela fé. O arroz e o feijão, alimento do povo, passam pelas mãos de homens e mulheres que sabem que a solução do problema da miséria e da fome não está somente nos recursos financeiros, mas na vida fraterna. Ninguém deve sofrer devido à fome quando, realmente, vive-se como irmãos e irmãs. Por isso, o convite: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16).

O objetivo da CF de 2023 é despertar a solidariedade nos fiéis e na sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, de forma a buscar caminhos de solução à luz do Evangelho. Haja vista que ela é celebrada no período quaresmal e convida os católicos a imitarem a misericórdia do Pai no gesto de repartir o pão com os necessitados, de modo a fortificar o espírito fraterno. O tema da fome

<sup>33</sup> A descrição do cartaz se encontra no seguinte site: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *CNBB apresenta o cartaz da Campanha da Fraternidade 2023*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-apresenta-o-cartaz-da-campanha-da-fraternidade-2023/>. Acesso em: 28 set. 2022.



foi abordado na CF de 1985. Dois grandes eventos marcaram a Igreja no Brasil em 1985: a realização do 11º congresso Eucarístico Nacional realizado em Aparecida (SP) e a CF. Ambas as iniciativas receberam o mesmo lema “pão para quem tem fome”. Um dos grandes temas refletidos foi o cenário da fome apresentado como “um problema crucial”.

Ao longo de quase 40 anos depois, contempla-se um triste e semelhante cenário. A cada dia fica mais óbvio que a pandemia sanitária da Covid-19 agravou a situação de insegurança e vulnerabilidade social. Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco fala do escândalo da fome e chama o atual sistema de assassino: “As crises sociais, políticas e econômicas fazem morrer de inanição milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome; reina um inaceitável silêncio internacional”<sup>34</sup>. É urgente a aplicabilidade da caridade como vacina do amor para recuperar o valor da dignidade humana pelo espírito fraternal e solidário.

Ademais, o Santo Padre adverte ainda o objetivo central da política mundial e a alimentação como um direito fundamental à pessoa: “[...] a fome. Com efeito, quando a especulação financeira condiciona o preço dos alimentos, tratando-os como uma mercadoria qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome [...] a fome é criminosa e a alimentação é um direito inalienável”<sup>35</sup>.

O biblista Francisco Orofino fornece, numa entrevista dada à Revista Instituto Humanitas de Ensino, alguns apontamentos para pensar a articulação entre a leitura bíblica e a política:

*Diante do que estamos vivendo hoje aqui no Brasil, se faz necessário retomar a espiritualidade profética. A narrativa bíblica preserva a caminhada histórica do povo fiel de Deus. Esta caminhada nunca foi retilínea, ascendente, uniforme. Sempre foi tortuosa, onde o povo caía e se levantava. Ser o povo de Deus é saber superar os limites humanos buscando atingir, para si e para os outros, os bens da convivência com Deus. Nesta sua busca, o povo viveu intensas crises. Muitas vezes, o povo reduziu os planos de Deus a seus planos pessoais interesseiros e mesquinhos, acomodando-se e esquecendo o chamado. Nestes momentos*

<sup>34</sup> Tradução nossa. FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli Tutti*, sobre la fraternidad y la amistad social, 2020. n. 29 Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 28 set. 2022.

<sup>35</sup> Tradução nossa. FRANCISCO, 2020, n. 29.



*de crise e de abatimento apareciam os profetas para denunciar os erros e anunciar a proposta divina de justiça, paz e alegria. A espiritualidade profética nos permite perceber os sinais de resistência existentes na caminhada do povo. Grupos indígenas, as mulheres, os negros, a população LGBT, as periferias urbanas, a consciência ecológica, as práticas alternativas, são todos sinais de que existe uma resistência e de que a esperança do povo nunca será vencida*<sup>36</sup>.

A fé pode iluminar a ação política pelo viés do bem comum, capaz de libertar a pessoa do orgulho. O político pode, com efeito, ter uma atitude profética capaz de romper com as barreiras do indiferentismo e da injustiça. Para tal proeza, ele precisa se aprofundar na dimensão da ética do cuidado, a fim de valorizar o outro, especialmente as pessoas que são consideradas invisíveis na sociedade, ou seja, os desempregados e os trabalhadores essenciais: caminhoneiros, motoristas, lixeiros e entre outros.

O cristão pode exercitar a sua fé na experiência da caridade, tal como apresenta São Paulo: “a caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho” (1Cor 13,4). Nesta passagem bíblica, notam-se mais dois componentes essenciais, que vão além da justiça e do direito, a saber, a caridade como paciente e prestativa. Disso decorre que não basta apenas dar o alimento aos pobres, mas é preciso escutá-los, acompanhá-los e instruí-los ontologicamente na fraternidade<sup>37</sup>.

A reflexão da CF pode se enriquecer muito mais com a perspectiva ricoeuriana vista no tópico anterior. O caminho ontológico proposto por Ricoeur conduz a pessoa a descobrir as principais pistas ontológicas em virtude da vida fraternal. O leitor do lema, “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16), realiza a hermenêutica da suspeita no intuito de observar criticamente a realidade, a fim de decifrar a mensagem evangélica para partilhar o alimento, juntamente com a recuperação dos valores humanizadores: justiça, direito e caridade. Desse modo, o leitor ganha a confiança daquele que se encontra com o rosto desfigurado pela deterioração dos valores humanos.

<sup>36</sup> SANTOS, J. V. Em tempos de “fake news”, mentiras também alimentam leituras fundamentalistas da Bíblia. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, v. 19, n. 534, p. 74, 2019.

<sup>37</sup> A palavra caridade ou amor é proveniente da palavra *agápe*, que evoca “o compromisso e a ética da responsabilidade em virtude da vivência fraternal”. TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 6. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. p. 8.



Para Silva e Nahur, a riqueza do símbolo permite o mergulho nas obras:

*A importância do símbolo é, pois, de especial largueza, porque é ele que “faz pensar”, fazendo com que o ser humano mergulhe nas obras, nos monumentos, nas instituições que dizem de si mesmos. Esse mergulho leva à indagação fundamental sobre quem é esse sujeito que está agindo no mundo e o quanto ele está inserido nesse mesmo mundo*<sup>38</sup>.

De acordo com Mori, há, em Ricoeur, o tempo vivido, o cósmico e o histórico:

*Em Tempo e narrativa, Ricoeur mostra que a ação é marcada por suas condições temporais, que são as do tempo da história. Nossa experiência cotidiana é vivida na oposição entre o tempo vivido e o tempo cósmico. O tempo histórico é um “terceiro tempo”, a mediação viva entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Ele possui uma percepção do presente que supõe uma diferença qualitativa com um passado e um futuro, diferente do tempo cósmico, feito de instantes sucessivos indiferenciados, mas diferente também do tempo vivido. De fato, o tempo histórico recorre a procedimentos de conexão entre o tempo vivido e o tempo universal, que permite ligar nossa experiência ao tempo dos outros e ao tempo do mundo*<sup>39</sup>.

Segundo Souza, “a hermenêutica é interpretação, método e reflexão no sentido de um pensamento acerca do próprio pensamento”<sup>40</sup>. Por esse motivo, a hermenêutica ontológica ricoeuriana possibilita a atitude da suspeita para que a pessoa possa ligar a sua experiência de vida com a obra literária. Assim, a superação da fome se dá com a conscientização do direito, da justiça e da caridade como elementos essencialmente humanizadores. O acompanhamento daqueles que se encontram num estágio de vulnerabilidade promove, também a possibilidade da educação para que se reintegrem de forma digna na sociedade, por intermédio de um trabalho honesto.

<sup>38</sup> SILVA, J.; NAHUR, M. T. M. A força transformadora da narrativa em Paul Ricoeur: enfrentamento do “analfabetismo” existencial-cultural. *Kinesis*, v. 12, n. 31, p. 58, 2020.

<sup>39</sup> MORI, G. A contribuição de Ricoeur ao debate sobre a justiça na contemporaneidade. *Sapere Aude*, v. 4, n. 8, p. 72, 2013.

<sup>40</sup> SOUSA, Th. L. O que é hermenêutica para Paul Ricoeur? *Griot*, v. 20, n. 2, p. 21, 2020.



## Conclusão

Em Paul Ricoeur, percebe-se uma hermenêutica da suspeita. A afirmação se apresenta como válida, porque o ato de interpretar visa a um fim. Em outras palavras, depois da suspeita, há um recolhimento. Aliás, do mito emerge o símbolo. Uma dialética da suspeita e a afirmação do sentido ou entre o princípio e o fim. É preciso resguardar de uma frase com um sentido radical para pensar.

A filosofia só pode falar de fim e de princípio parciais. A hermenêutica da suspeita em Ricoeur consiste numa estratégia de interpretação. Ela agrega a noção da desconfiança e a noção inconsciente de vontade do poder. A mensagem, por sua vez, remete ao desejo de escutar o que se diz no âmbito comunitário.

Decorrem-se, portanto, três momentos do pensamento de Ricoeur. Inicialmente, uma *fenomenologia estrutural* na qual há uma hermenêutica implícita. Depois, uma *hermenêutica simbólica*. Os temas semiológicos aparecem por último, na *hermenêutica do texto*, em outras palavras, da linguagem em geral. A passagem da 2ª para 3ª fase é feita devido ao crescimento da influência da análise linguística.

A teoria da linguagem auxilia na interpretação, posto que na hermenêutica ricoeuriana considera o valor da suspeita. Para o autor, a noção de significado se encontra aberto e não conduz a um dogma. Os sentidos ficam em aberto. Traz, conseqüentemente uma dimensão existencial.

Em Ricoeur, constata-se vários temas importantes: teoria dos símbolos enquanto teoria da interpretação: hermenêutica, fenomenologia e estruturalismo. Além do mais, realça uma abordagem total da *epoché* (suspensão do juízo), porque o sujeito suspende o mundo linguístico mediante a suspeita para interpretar com o pressuposto da escrita.

Ricoeur dialoga com Husserl<sup>41</sup>, porque para este, distintamente de Ricoeur, o texto adquire um caráter autônomo a partir do empírico. O leitor aparece como passageiro e não integrante da escrita. Trata-se somente da consciência e não do papel da linguagem. Para Ricoeur, na teoria dos símbolos, realidade extralinguística, torna-se possível compreender os mitos. O domínio do mito engloba o linguístico, ou seja, o sujeito sempre produzirá mitos.

<sup>41</sup> Para maior aprofundamento deste diálogo, confira o seguinte artigo: NALLI, 2006, p. 155-180.



Husserl tece a teoria da significação na qual a noção de linguagem é a captação do som. Para ser reconhecido é preciso vê-lo. Intenção da significação por meio de intuições com as quais a pessoa adquire a evidência dos dados. Os atos significantes concedem significação. A significação é mais do que a própria palavra. Ela se estabelece no dar-se do objeto. A significação da frase implica um objeto composto.

A significação se define como ato categorial. O conhecimento sensível se exprime, antes de tudo, intuitivo. A intuição se caracteriza como um modo da consciência apreender os objetos e como a fonte originária, a forma do dar-se do dado. Tudo tem que ser recebido por meio dela e nos seus limites. Husserl diverge do pensamento de Ricoeur, porque valoriza mais a intuição do que a linguagem. Para Ricoeur, a linguagem tem papel relevante à interpretação.

Correa focaliza a época da individualização: “A missão de buscar padrões e configurações passou a ser uma tarefa individual. Não existem mais padrões e modelos preestabelecidos a serem seguidos. É a época da individualização. Esse fenômeno se dá em diversos âmbitos da vida humana”<sup>42</sup>. E acrescenta:

*Vivemos a era do descartável e do passageiro. É a época do corpo esguio, da adequação ao movimento, das roupas leves e tênis, telefones celulares, pertences portáteis ou descartáveis. Isso que vale para os objetos culturais da era da instantaneidade vale também para os relacionamentos. A nova instantaneidade do tempo tem mudado radicalmente a modalidade do convívio humano e o modo como cuidam das questões coletivas*<sup>43</sup>.

Correa acentua, ainda o aspecto da intensidade do momento: “A intensidade do momento é mais importante do que a duração. O ideal é atingir a máxima gratificação que o momento pode oferecer evitando ao máximo as consequências e responsabilidades”<sup>44</sup>.

Ricoeur, em outra obra denominada *A hermenêutica bíblica*, sublinha a leitura e a compreensão do leitor num mundo efetivo:

<sup>42</sup> CORREA, G. V. A pós-modernidade e seus desafios à vivência cristã. *Contemplação*, v. 1, n. 2, p. 9, 2011. Disponível em: <http://www.fajopa.com.br/contemplacao/index.php/revista/article/view/13/21>. Acesso em: 28 set. 2022.

<sup>43</sup> CORREA, 2011, p. 8.

<sup>44</sup> CORREA, 2011, p. 8.



*Por um mundo do texto, entendo o mundo desdobrado diante dele, por assim dizer; como o horizonte da experiência possível no qual a obra desloca seus leitores. Por um mundo do leitor, entendo o mundo efetivo em que a ação real é desenvolvida no meio de uma “rede de relações”, para empregar uma expressão de Hannah Arendt em The human condition [A condição humana]<sup>45</sup>.*

Para Barcellos, há aproximações entre literatura e teologia:

*O recurso à literatura por parte da teologia não precisa ser visto exclusivamente em termos de mediação para o conhecimento da realidade humana, sobre a qual se irá refletir teologicamente, a partir de outros critérios, num momento posterior, mas também pode ser perspectivado, de maneira mais densa e incisiva, ao sustentarmos que determinadas obras literárias podem ser tidas como propriamente teológicas<sup>46</sup>.*

A interpretação como expressão de vida de Ricoeur lembra Dilthey. A teorização da hermenêutica do texto com Dilthey ocorria com o primado do texto falado ao escrito. Para Ricoeur, ao contrário, parte-se do escrito ao falado. O texto corresponde à fala escrita e promove a noção de abertura do ser. O sujeito participa da construção de verdades juntamente com o mundo. Por esse motivo, percebe-se uma hermenêutica ontológica.

Nota-se a necessidade de lançar um desafio à própria consciência a partir do pressuposto de noção de falsa consciência na própria interpretação. Cabe aos campos do saber filosófico, teológico e literário uma reflexão sobre o porquê se procura a verdade e elucidar as múltiplas faces do humano no mundo. A literatura e a teologia se aproximam pelo viés da antropologia no ensejo de ver o que faz com que o humano seja humano.

A partir dos dados analisados, encontram-se várias pistas para sanar as feridas provenientes da desigualdade social: a exploração e instrumentalização das pessoas. O Coronavírus simplesmente aflorou estes elementos que se encontravam camuflados na sociedade tecnológica e globalizada. É fundamental combatê-los com a vacina do amor mediante

<sup>45</sup> Entre colchetes nosso. RICOEUR, P. Rumo a uma teologia narrativa. *In*: RICOEUR, P. *A hermenêutica bíblica*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006. p. 290.

<sup>46</sup> BARCELLOS, J. C. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. *In*: *Numen*, v. 3, n. 2, p. 17-18, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uuff.br/index.php/numen/article/view/21716>. Acesso em: 28 set. 2020.



o cuidado, o desejo de resgatar a dignidade das pessoas e a construção ontológica do espírito fraternal de partilha e de serviço ao próximo.

O bom uso da tecnologia pode permitir a utilização da linguagem como meio de denunciar os agentes dos males, visto que o ato de falar alivia a mágoa e a dor presente no coração. Haja vista superar, inclusive, a sociedade da higienização realçada pelo medo e pessimismo, que corroem a saúde mental das pessoas. A vacinação em massa, juntamente com a vacina do amor podem trazer luz para enfrentar o negacionismo científico e o egoísmo desenfreado.

A hermenêutica ontológica de Ricoeur colabora no intuito da pessoa ser capaz de agir com suspeita em face da injustiça no mundo. Por essa razão, ao ligar o pensamento do filósofo com a CF 2003, constata-se que a superação da fome se dá por meio de ações que promovam o exercício da caridade e do bem comum, que são aspectos antropológicos essenciais para unir a reflexão teológica, filosófica e literária. Assim, a hermenêutica ricoeuriana pode muito contribuir aos desafios atuais.

## Referências

BARCELLOS, J. C. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. *In: Numen*, v. 3, n. 2, p. 9-30, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21716>. Acesso em: 28 set. 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Após consulta popular, Campanha da Fraternidade em 2023 voltará a tratar do tema da fome*. Disponível em: <https://www.cnb.org.br/apos-consulta-popular-campanha-da-fraternidade-em-2023-voltara-a-tratar-do-tema-da-fome/>. Acesso em: 28 set. 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *CNBB apresenta o cartaz da Campanha da Fraternidade 2023*. Disponível em: <https://www.cnb.org.br/cnbb-apresenta-o-cartaz-da-campanha-da-fraternidade-2023/>. Acesso em: 28 set. 2022.

CORREA, G. V. A pós-modernidade e seus desafios à vivência cristã. *Contemplação*, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2011. Disponível em: <http://www.fajopa.com.br/contemplacao/index.php/revista/article/view/13/21>. Acesso em: 28 set. 2022.



FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli Tutti*, sobre la fraternidad y la amistad social, 2020. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 28 set. 2022.

GENTIL, H. S. *Para uma poética da modernidade: uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 2004.

KIRST, N. [et al.]. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2004.

MORI, G. A contribuição de Ricoeur ao debate sobre a justiça na contemporaneidade. *Sapere Aude*, v. 4, n. 8, p. 69-88, 2013.

NALLI, M. Paul Ricoeur leitor de Husserl. *Trans Form Ação*, v. 29, n. 2, p. 155-180, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732006000200012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732006000200012&script=sci_arttext). Acesso em: 28 set. 2022.

RICOEUR, P. Rumo a uma teologia narrativa. In: RICOEUR, P. *A hermenêutica bíblica*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006. p. 285-299.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995. t. II.

SANTOS, J. V. Em tempos de “fake news”, mentiras também alimentam leituras fundamentalistas da Bíblia. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, v. 19, n. 534, p. 72-76, 2019.

SILVA, J.; NAHUR, M. T. M. A força transformadora da narrativa em Paul Ricoeur: enfrentamento do “analfabetismo” existencial-cultural. *Kínesis*, v. 12, n. 31, p. 55-76, 2020.

SOUSA, Th. L. O que é hermenêutica para Paul Ricoeur? *Griot*, v. 20, n. 2, p.17-29, 2020.

TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. 6. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

VAZ, A. S. O específico da justiça na Bíblia hebraica. *Cultura*, v. 30, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cultura/1563>. Acesso em: 28 set. 2022.